

TRABALHO INFORMAL E SAZONALIDADE: UMA ANÁLISE NA FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM ROMARIA – MG

Informal and Seasonal Work: an analysis on the feast of our Nossa Senhora da Abadia in Romaria - MG

Mayara Abadia Delfino dos Anjos¹

Resumo: Esse artigo apresenta uma pesquisa sobre o trabalho e aborda de uma forma geral os empregos informais e as empresas sazonais existentes no país. É grande o número de trabalhadores informais e empresas sazonais no país e isso faz com que sejam relevantes instrumentos de geração de emprego e renda, visto que, se calculado no PIB (Produto Interno Bruto), daria algo mais interessante; não dá para estimar, mas é bem significativo. O trabalho informal e empresas sazonais servem como geradores e até mesmo como complemento de rendas de diversas famílias brasileiras que encontram neles uma melhor forma de sobreviver, apesar de todas as dificuldades enfrentadas e da precarização enfrentada por essas pessoas. Eles têm uma forte relação com o turismo, visto que para atender a necessidade de todos os turistas e visitantes, o turismo é automaticamente um grande gerador de empregos informais e de empresas sazonais, além dos impactos que eles proporcionam à economia do município de Romaria – MG, devido ao turismo de evento que a cidade oferece, principalmente no mês de agosto, em decorrência da Festa de Nossa Senhora da Abadia. De uma forma geral, essa pesquisa visa um estudo sobre o trabalho informal e empresas sazonais no país (macro) e uma análise dessas teorias na Festa em Romaria (micro).

Palavras-chave: Trabalho. Informalidade. Sazonalidade.

Abstract: This article shows a research about the work and approaches into a general way the informal jobs and the seasonal enterprises existing in the country. It is great the number of informal workers and seasonal enterprises in the country and this makes be relevant instruments of generation of job and income, because, if calculated into BIP (Brute Internal Product), it would give something more interesting; it does not give to estimate, but it is very meaningful. Informal work and seasonal enterprises provide as generators and even so as an income complement of several Brazilian families which have found in those a better way to survive, although all kinds of difficulties faced and the poverty faced by those people. They have a strong relationship with the tourism, because in order to attend the necessities of all tourists and visitors, tourism is automatically a great generator of informal works and seasonal enterprises, beyond the impacts which they cause to economics to municipal of Romaria-MG, due to event tourism offered by town, mainly in August, due to Nossa Senhora D'Abadia Festival. In a general way, this research intends to make a study about informal work and seasonal enterprises in country (macro) and an analysis of those theories in Romaria Festival (micro).

Keywords: Work. Informality. Seasonability.

¹ Bacharel em Administração pela Fundação Carmelitana Mário Palmério – FUCAMP.
mayaradelfino@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como finalidade apresentar um pouco mais sobre o trabalho, principalmente o trabalho informal e suas variadas formas de existência e sobrevivência além de apresentar o trabalho informal e sazonal existente em Romaria - MG no mês de agosto em decorrência da Festa de Nossa Senhora da Abadia. O problema a ser estudado é: quais os impactos causados pelo trabalho informal e sazonal na economia do município de Romaria – MG, no mês de agosto, em decorrência do turismo de eventos causado pela Festa de Nossa Senhora da Abadia? Após fazer a análise de toda a teoria e dados levantados é hora de analisar todo esse material na “realidade”, e por isso que é feita uma análise da Festa de Romaria.

O objeto de pesquisa serão os setores que as pessoas trabalham e suas áreas de atuação tais como alimentação (bares, restaurantes, casa de shows, boates), os serviços oferecidos, tais como segurança, estacionamento e hospedagem, além de apresentar a parcela da população envolvida nessas atividades econômicas, renda, receita e remuneração média.

O objetivo geral é evidenciar os pontos positivos e negativos referentes à criação (surgimento, existência) das empresas sazonais e do trabalho informal. Os objetivos específicos são: [1] Discutir a teoria que trata trabalho informal e empresas sazonais; [2] Levantar dados junto ao IBGE e SEBRAE com o objetivo de traçar um panorama dessa atividade no Brasil; [3] Fazer uma análise do cenário em Romaria, tendo como pano de fundo a teoria levantada (dados); [4] Definir áreas de atuação, renda e parcela da população envolvida.

Para retratar a questão da sazonalidade e da informalidade, foi feita uma pesquisa qualitativa usando-se o método descritivo. Além das referências bibliográficas e dados oficiais de órgãos como IBGE e SEBRAE, foi utilizado também o critério de observação e coleta de depoimentos de pessoas da comunidade.

O trabalho informal e sazonal “abriga” milhares de brasileiros que encontram nele a “solução” para seus problemas, seja ele educacional, seja pela falta de oportunidade ou até mesmo como o único emprego durante todo o ano, por isso deveriam ser estudadas medidas e soluções para melhorar a valorização do indivíduo.

O TRABALHO, INFORMALIDADE E PRECARIZAÇÃO: VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA

Trabalho: Idéias Fundadoras

O trabalho é um processo com que o homem e a natureza interagem em uma sequência contínua de fatos em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla sua relação com a natureza. (MARX, 1994). Para Marx (1994), o meio de trabalho é um elemento interligado e o trabalhador insere entre si mesmo e o objeto de trabalho, e lhe serve para dirigir sua atividade sobre esse objeto. Neste sentido, o homem utiliza as propriedades mecânicas, físicas, químicas das coisas, para fazê-las atuarem como forças sobre outras coisas, de acordo com seus objetivos.

Os meios de trabalho servem para medir o desenvolvimento da força humana de trabalho e, além disso, indicam as condições sociais em que se realizam o trabalho. No processo de trabalho, a atividade do homem opera uma transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre que atua por meio do instrumental de trabalho (MARX, 1994, p. 204).

O que distingue as diferentes épocas econômicas em relação ao trabalho e a produção não é o exatamente o que se produz, mas como e por quais meios se produz (MARX, 1994). Partindo desta constatação, no início do século XX, consolida-se o que entendemos hoje como “mercado de trabalho”. Assim, durante as primeiras três décadas, o trabalho transformou-se numa mercadoria livremente negociada (NORONHA, 2003). Como resultado disso, a força de trabalho é transformada em capital e fica subordinada ao processo capitalista de produção, no entanto, ao contrário das máquinas e da matéria prima, o trabalho apresenta-se como um fator de produção vivo, em permanente medição de forças com o processo social capitalista (ANTUNES; ALVES, 2004).

Emprego e Informalidade

Para Antunes e Alves (2004), apesar a submissão do trabalho ao processo capitalista de produção ao longo dos últimos séculos, e da constante substituição do homem pela tecnologia nas últimas décadas, a classe trabalhadora não está desaparecendo, nem perdeu seu sentido estruturante. Por outro lado, o setor informal pode absorver também parte dos trabalhadores expulsos das relações de assalariamento não só em função do avanço técnico,

mas também em função da idade, sexo, habilidade etc., desempregados ou subempregados em função do ciclo econômico, ou trabalhadores que, optam por abandonar esta relação, vendo no setor informal uma alternativa de sobrevivência. Também pode-se absorver parcelas de assalariados e diversos membros da família – como esposa e filhos que se lançam à informalidade como forma de complementar a renda familiar. Deve ainda ser observado que mesmo sem elevados níveis de renda, as condições de trabalho “por conta própria” correspondem à aspiração de muitos trabalhadores por se libertarem de um patrão, de um chefe ou de horários rígidos. Muitos se estabelecem nesta condição após terem sido assalariados e terem acumulado dinheiro ou bens, ou mesmo após terem se desligado desta relação e recebido os direitos trabalhistas (CACCIAMALI, 1983).

Segundo França (2008), a diminuição paulatina e consistente dos postos de trabalho é uma questão social e deveria ser tratada dessa maneira, no entanto a redução dos postos de trabalho converteu-se em uma questão técnica em que o trabalhador deve capacitar-se adequadamente para resolver o problema do desemprego. Observa-se que as explicações para o desemprego recaem sobre a falta de empenho individual, discurso da empregabilidade e de oportunidades de qualificação como exemplo os órgãos de recolocação profissional, bem como sobre a consideração do ponto de vista dos empresários – que promoveriam a rotatividade dos empregados – sendo assim, uma punição pelos erros cometidos no passado (ACKERMANN et al, 2005).

A classe trabalhadora pode ser compreendida como a totalidade dos assalariados, que vivem da venda da sua força de trabalho, não se restringindo aos trabalhadores manuais diretos, incorporando também a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário. A classe trabalhadora, hoje, também incorpora o proletariado rural, que vende a sua força de trabalho para o capital, de que são exemplos os assalariados das regiões agroindustriais, e incorpora também o proletariado precarizado, o proletariado moderno, fabril e de serviços, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo. A classe trabalhadora inclui, ainda, a totalidade dos trabalhadores desempregados (ANTUNES; ALVES, 2004).

Economia Popular e Economia Informal

Sempre há dúvidas em relação à economia popular e economia informal, se ambas possuem alguma semelhança, se caracterizam os mesmos significados. Por si só o conceito de economia informal já não é convincente para explicar a diversidade e complexidade das atuais relações sociais, de outro lado, convivemos com a imprecisão de novos termos, surgidos para fazer referência às atividades econômicas desenvolvidas pelos setores populares: economia popular, economia solidária, socioeconômica solidária (TIRIBA, 2003).

De acordo com o verbete “economia popular”: Tendo os trabalhadores a posse e/ou a propriedade individual ou associativa dos meios de produção, ao invés do emprego da força de trabalho alheio, o princípio é a utilização da própria força de trabalho para garantir não apenas a subsistência imediata como também para produzir um excedente que possa ser trocado, no mercado da pequena produção mercantil, por outros valores de uso. Não se caracterizando pelo investimento de capital, mas pelo investimento em força de trabalho, o trabalho se constitui no principal fator de produção, constituindo-se como a gênese e, ao mesmo tempo, resultado do conjunto dos demais fatores do processo de produção de bens e serviços (TIRIBA, 2003. p.104).

Ambulantes e camelôs usam sempre a expressão “que é melhor trabalhar do que roubar”, pois além de sempre fazer amigos, eles têm a oportunidade de se relacionar com diversos turistas, de diversos lugares, ampliando assim sua cultura. Para esses trabalhadores da economia popular, uma das vantagens de trabalhar nas ruas é o fato de se ter liberdade e autonomia, ou seja, não ter patrão, porém ao mesmo tempo, têm que suportar uma longa jornada de trabalho, ficar exposto ao sol e à chuva, fugir da fiscalização e viver de rendimentos incertos. Embora tenham orgulho de um passado de trabalho impresso numa carteira, isso não significa deixar de reconhecer a exploração, a submissão e a precariedade do trabalho assalariado em que estão expostos que, na verdade se configura como um sub-emprego. (TIRIBA, 2003)

Com crescimento do desemprego têm aumentado em muito a importância da opção da informalidade para a sobrevivência de muitos brasileiros, torna-se evidente que a oportunidade representada pelo turismo atrai pessoas tanto do entorno imediato quanto de lugares mais distantes. Um conhecimento maior do mercado de trabalho no turismo contribui para a definição de estratégias destinadas a propiciar mais e melhores empregos no setor, para

a focalização de ações que contribuam para a melhoria da qualidade dos serviços prestados aos visitantes e para orientar o setor privado, especialmente as pequenas e médias empresas (ÁRIAS; ZAMBONI, 2006).

A informalidade e seus desdobramentos socioeconômicos

A distinção entre setor formal/informal prende-se à forma de organização da produção e não apenas à tecnologia utilizada nos processos produtivos. No setor formal pode se levar à conclusão que os baixos níveis de renda se resumam ao setor informal, mascarando os baixos salários que são pagos no setor Formal. (CACCIAMALI, 1983)

Deve-se ressaltar que, no setor informal, além do tipo de atividade e dos custos de produção outros fatores determinam a renda; quais sejam; o tamanho do mercado, isto é, a renda da clientela; o número de integrantes na atividade e o poder de barganha. Os ganhos do produtor informal enfrentam, além da eventual concorrência, a barreira de renda do cliente; por sua vez, os proventos dos ajudantes deste produtor são duplamente influenciados pela renda dos clientes e do produtor para quem trabalham. No entanto, mesmo em atividades precárias, os trabalhadores autônomos não obrigatoriamente percebem rendas relativamente baixas quando comparadas às de postos de trabalho assalariados, como por exemplo, operários não qualificados em geral, da construção civil em particular, mensageiros e ajudantes gerais nos escritórios ou balconistas no comércio. Em outras palavras, o fato de conjuntos de trabalhadores que auferem baixo nível de renda participar do setor informal, não implica que a maior parte dos trabalhadores de rendimentos relativamente inferiores esteja no setor informal (CACCIAMALI, 1983).

Trabalho e Educação

Para Ulysea (2006), no que diz respeito à escolaridade dos trabalhadores sem carteira de trabalho assinada, há um consenso nos resultados encontrados pela literatura nacional de que estes apresentam, em média, menos anos de estudo do que os assalariados formais. Alguns resultados encontrados na literatura reforçam a visão tradicional do setor informal como um setor desprotegido e gerador de postos de trabalho de baixa qualidade.

Segundo França (2008), na camuflagem das desigualdades sociais, o acesso à educação e a conquista de uma vaga no mercado de trabalho passam a ser elementos fundamentais de uma pseudocidadania, no entanto, uma verdadeira cidadania capitalista, pois

quem conquista seu espaço na educação, estará apto a conquistar seu emprego, e por meio do trabalho obterá cidadania, porém não é o trabalho e sim o resultado desse trabalho traduzido em salários. Os trabalhadores não qualificados são os mais desfavorecidos na manutenção e/ou na inserção no mercado de trabalho e é esse segmento que parece buscar na Educação a solução para a mobilidade social e profissional ascendente e para maior permanência nesse movimento.

Segundo França (2008), o mundo empresarial tem interesse na educação, porque deseja uma força de trabalho qualificada, apta à competitividade no mercado nacional e internacional. O aspecto central é a adequação da escola e da universidade pública e privada aos mecanismos de mercado, de modo que a escola funcione à semelhança deste. A nova educação profissional orienta-se pelo conceito de empregabilidade. Como consequência tem ocorrido um processo de individualização da formação do trabalhador, pelo qual se indica que cada um é responsável por buscar suas competências a serem alcançadas, com o desenvolvimento das habilidades de gestão. Essas habilidades seriam potencializadoras do empreendedorismo na economia, mas o que de fato ocorre é que por um lado o processo ideológico naturalizador da exclusão social e, por outro, a tentativa de redução do processo educativo a um mecanismo instrumental e adaptativo voltado para a integração periférica ou informal no mercado de trabalho.

Informalidade e a noção de “Trabalho Justo”

Embora as percepções do justo e do injusto, do aceitável e do inaceitável sejam modeladas por um amplo conjunto de valores morais e éticos, dois princípios gerais compõem a linha divisória básica entre o justo e o injusto. Primeiro não ter direitos iguais a outros empregados da mesma empresa em posto similares; segundo, perceber que ganhos extras dos empregadores são alcançados por meio da restrição de seus direitos. Uma situação bastante diferente ocorre nos contratos informais de prestação de serviços, os quais não implicam nem a perda de direitos trabalhistas, nem vantagens obtidas pelo contratante a expensas do contratado (FRANÇA, 2008).

Segundo Noronha (2003) os limites entre o contrato informal, justo e injusto dependem tanto da percepção de quem será lesado com o não cumprimento da lei, como de uma noção de piso de direitos e da atratividade que o sistema solidário implícito no contrato

representa. Há alguns indícios que nos permitem supor que as noções populares de contrato de trabalho ideal são bastante influenciadas pela legislação do trabalho.

O que diferencia os trabalhadores com e sem carteira de trabalho assinada é o seu relacionamento com o governo em termos do pagamento de impostos sobre a folha, especialmente a previdência social. Enquanto que 95% dos trabalhadores com carteira assinada contribuem com o INSS, este percentual cai para apenas 5% quando consideramos os assalariados informais. Conclui-se que a política mais eficiente para reduzir a informalidade é um aumento no benefício do seguro-desemprego (ULYSSEA, 2006).

A ATIVIDADE DO TURISMO E AS RELAÇÕES DE TRABALHO

A Atividade Econômica do Turismo

Se considerarmos a evolução ao longo do tempo da atividade turística, observamos que ela se manifesta como um fenômeno complexo, com uma longa história. Na Antiguidade, Idade Média e ao longo dos séculos XV a XVIII, os primeiros turistas viajavam para fins religiosos, de lazer, comércio, descobertas, etc. No século XIX e primeira metade do século XX, a base do turismo moderno apoiada no turismo elitista das classes mais abastadas dá lugar, após a Segunda Guerra Mundial, ao turismo de massa com um forte grau de democratização, devido à evolução econômica, social, cultural e aumento da urbanização. Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo tornou-se um fenômeno de massa no meio de um ambiente relativamente calmo, a emergência de uma classe média próspera e grande, os avanços em transportes, nas comunicações e nas opções de lazer tornaram possíveis o seu desenvolvimento (MAURE AGÜERO, 2007).

Para Beni (2002) o homem desde suas origens, se sente motivado a se deslocar de um lugar ao outro, por diversos motivos tais como caça, religião, comércio, guerra, lazer, entre outros. Sendo que, para que exista turismo, é necessário que haja uma motivação. É necessário que haja algum motivo para que ela o faça, para que provoque aquela pessoa a se deslocar do seu local cotidiano. Segundo Mazzinghy (2009) o turismo é uma atividade que está ligada ao deslocamento do homem pelo ambiente e tem sofrido diversas modificações ao longo da história. Atualmente o turismo possui vários motivos, como negócios, lazer, religião, cultura, meio ambiente, eventos entre outros.

O motivo da viagem é o principal meio disponível para se segmentar o mercado, sendo que, os maiores segmentos por afluência de turistas são: turismo de descanso ou férias; de

ANJOS, M.A.D.

negócios e compras; desportivo; ecológico; rural; de aventura; religioso; cultural; científico; gastronômico; estudantil; de congressos, convenções, encontros e similares; familiares e de amigos; de saúde ou médico-terapêutico (BENI, 2002).

Turismo de Eventos

O turismo, além de ser um dos setores mais dinâmicos da economia, é um grande aliado para o desenvolvimento local. Com ele pode-se aplicar políticas públicas voltadas para a comunidade, programas de desenvolvimento sustentável, políticas voltadas para a comunidade e para o turismo local (MAZZINGHY, 2009).

Uma das principais características da indústria do turismo é a sazonalidade. Para Rodrigues e Rodrigues (2007), sazonalidades são flutuações no ciclo produtivo ou de vendas de um determinado bem, serviço ou setor econômico devido a fatores exógenos, ao longo de um determinado período. Neste sentido, pode ser definida como a época de temporada ou de alta estação mais aprazível do ano. A partir deste conceito, a sazonalidade é o momento considerado ideal para o consumo do produto turístico, desfrutando de toda comodidade de serviços que o mesmo oferece. O efeito da sazonalidade é comumente compreendido como o período que se alterna entre a baixa e a alta estação. Portanto, a sazonalidade é um fenômeno que contribui para a modificação de algumas estratégias públicas e privadas relacionadas à indústria do turismo.

Conforme Maure Agüero (2007), turismo de eventos é uma forma de turismo de negócios, que essencialmente mobiliza líderes de opinião em diversos ramos do conhecimento, ciência, tecnologia, finanças ou comércio. Para este autor, o turismo de eventos é um segmento muito rentável para o elevado nível de benefícios financeiros e do impacto que produz sobre os outros ramos e setores da economia e do turismo em si. No entanto, o turismo de evento como todas as outras tipologias citadas baseia-se em uma cadeia produtiva, “mão-de-obra intensiva”, ou seja, é uma atividade apoiada no trabalho humano que encontra condições desfavoráveis para seu potencial desenvolvimento. Portanto, mesmo sendo uma atividade rentável e de expressiva importância econômica e social, o turismo, e mais especificamente, o turismo de negócios apresenta uma condição comum a todas as outras atividades econômicas do mundo capitalista contemporâneo: a precarização das condições de trabalho.

Informalidade e Precarização do Emprego no Brasil

O trabalho deveria ser, conforme a Constituição Federal de 1988, no seu Art. 170, a ordem econômica, fundada na valorização do trabalho e na livre iniciativa, que tem por fim assegurar a todos existência digna, de acordo os ditames da justiça social, e a dignidade da pessoa humana. O trabalho ainda deveria ser visto como um exercício pleno da cidadania, tendo em vista que o trabalho e a cidadania consistem historicamente em um processo da própria história da humanidade.

Frequentemente se argumenta que um dos principais fatores de preocupação decorrentes do elevado grau de informalidade no Brasil é o fato de os trabalhadores informais não se beneficiarem da proteção concedida pela legislação trabalhista. Sendo assim, seria especialmente preocupante a constatação — comum à literatura nacional e estrangeira — de que a incidência da informalidade é maior no grupo de trabalhadores que tradicionalmente apresenta menores rendimentos. Nesse caso, os trabalhadores que mais precisam da proteção da legislação são exatamente aqueles que estão (relativamente) mais desprotegidos. Há uma segunda linha de autores que argumenta que a informalidade não está necessariamente associada à precariedade dos postos de trabalho. Ao contrário, ela pode estar associada a uma elevação do bem-estar. Não se sabe, portanto, em que medida esta maior incidência da informalidade sobre os trabalhadores de menor renda decorre de uma preferência por proteção relativamente menor, ou de um custo relativamente mais alto para a firma de legalizar estes trabalhadores. Assim, a pergunta que se coloca é até que ponto a informalidade é uma escolha por parte dos trabalhadores ou simplesmente uma imposição decorrente da escassez relativa de postos de trabalho formais (ULYSSEA, 2006).

Turismo e Trabalho Precário

Segundo Soares (2005), a atividade turística mundial apresenta impactos positivos como a geração de emprego e renda. O turismo ainda reforça os fluxos financeiros, possibilitando investimentos em regiões e localidades com benefícios para toda a economia. Portanto, esta atividade auxilia na evolução dos indicadores macroeconômicos e no desenvolvimento das cadeias produtivas constituintes da estrutura de mercado na qual está inserida. Embora discutida de maneira insuficiente, essa situação, reflete o crescente valor da atividade que sustenta em parte sua ampliação com investimentos em infra-estrutura e

consumo de serviços, fomentando as empresas e gerando emprego e renda para as famílias e receita para os governos. (SOARES, 2005)

Para Soares (2005), a informalidade no turismo se alimenta da necessidade de sobrevivência e do mito do turismo como atividade salvadora e unicamente positiva, situação mais evidente em núcleos receptivos que pouco têm a oferecer além de suas atrações naturais e culturais. O turismo e a oferta que dependem essencialmente da mão-de-obra e do consumo turístico motivam a geração de empregos o que efetiva sua validade social e econômica. Por outro lado, o turismo por meio do emprego informal, exclui os benefícios sociais do conjunto da população e impossibilita o desenvolvimento socioeconômico dos autóctones que na economia informal e intermitente, pouco colhem dos benefícios da atividade. Além disso, a sazonalidade turística que dificulta a continuidade do fluxo de turistas para seus destinos age incisivamente na lucratividade dos empreendimentos turísticos e gera a dificuldade em reter mão-de-obra nos períodos de baixa temporada.

Segundo Tiriba (2003), na luta pela sobrevivência, além daqueles que na perspectiva da economia solidária buscam o caminho da associatividade, organizando cooperativas e grupos de produção, nos deparamos com uma infinidade de trabalhadores que, se apresentam individualmente no mercado e fazem do espaço da rua o seu local de trabalho. Estes especialistas em “tecnologia de sobrevivência” lutam constantemente enfrentando adversidades e mostram de forma clara que as iniciativas populares representam uma resposta ao desemprego e à pobreza.

TRABALHO INFORMAL E EMPRESAS SAZONAIS NA FESTA DE ROMARIA

Em agosto na cidade de Romaria acontece uma das maiores festas religiosas do Estado de Minas Gerais e a principal demonstração de religiosidade da região: a Festa de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja. Realizada desde o ano de 1870, nos quinze primeiros dias do mês de agosto, a Festa de Nossa Senhora da Abadia é uma das mais populares do Estado e a mais popular da região. Uma cidade que possui menos de quatro mil habitantes atrai milhares de pessoas no decorrer da festa, chegando a passar somente no dia quinze de agosto, o ápice da festa, mais de cem mil pessoas pelo Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Esses romeiros vão a pé pagando promessas, pedindo graças ou simplesmente por um fato de devoção. As rodovias que cortam a cidade ficam cheias de pessoas caminhando, uma verdadeira “romaria” ao redor das estradas. São várias formas de participar da festa:

cavalgadas, excursões de ônibus, carros, motociclistas, ciclistas que de uma forma ou outra mostram sua devoção à Nossa Senhora e movimentam a região e principalmente a cidade que se transforma totalmente nesses quinze dias (VIEIRA, 2001).

Segundo matéria do site Megaminas.com²:

A busca por destinos de viagem religiosos tem crescido no país, contribuindo para o incremento da economia de pequenos municípios - a maioria localizada no interior do Brasil. De acordo com dados preliminares do que virá a ser o Mapa do Turismo Religioso do governo federal, já foram identificadas 344 cidades com calendário de eventos - a maior parte católicas. O aumento da renda dos brasileiros, do trabalho formal e do acesso ao crédito tem sido essencial para que essa tendência de expansão do segmento de turismo religioso se mantenha e possa ser observada não apenas em Aparecida, mas em todos os destinos do país, de acordo com o setor. O que falta é hotéis. Isso acaba contribuindo para que pessoas de maior poder aquisitivo busquem outros destinos, fora do país, como Fátima. Se houvesse maior investimento nesse sentido, mais pessoas, com renda maior, seria possível que o número de visitantes aumentasse ainda mais, bem como o valor médio gasto, que hoje ainda é baixo. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) a pedido do governo federal, por ano, são realizados 8,1 milhões de viagens domésticas 'movidas pela fé', o que representa 3,6% de todas as viagens realizadas dentro do país. De acordo com o governo, a estimativa é que o setor turístico responda por até 4% do Produto Interno Bruto (PIB), que é a soma das riquezas produzidas no Brasil, até 2014. A estimativa é baseada no ritmo de crescimento da economia do país, segundo o ministério. Hoje em dia, o setor corresponde a cerca de 2,6% do PIB, perto de US\$ 39 bilhões. Do total, 85% são receitas geradas pelo turismo doméstico.

Romaria e a Festa de Nossa Senhora da Abadia

Segundo Damasceno (1997), a cidade de Água Suja hoje Romaria/MG teve origem em meados do século XIX com a descoberta de jazidas de diamante na região do Triângulo Mineiro. A cidade foi criada basicamente por pessoas durante a guerra do Paraguai, que querendo trocar as armas pelo garimpo, se instalaram naquela região. Os primeiros habitantes de Água Suja eram em sua maioria de descendência portuguesa e devotos de Nossa Senhora da Abadia. Anualmente os habitantes faziam romaria a Muquém de Goiás para louvar Nossa Senhora.

Devido à dificuldade de deslocamento da época, as romarias ficaram difíceis. Sendo assim surge à idéia de se construir uma pequena capela para homenagear Nossa Senhora da Abadia, em Água Suja. É enviada então uma comissão ao bispo de Goiás, que assim autoriza a construção da capela. Em 1870 a comunidade de Água Suja envia um representante a então capital do Império, o português Custodio da Costa Guimarães, com o objetivo de fazer aquisição da imagem na casa comercial de Franco & Carvalho no Rio de Janeiro. A imagem

² [http://: www.megaminas.com](http://www.megaminas.com)

ANJOS, M.A.D.

de madeira castanheira foi feita pelos portugueses e é transportada em carros-de-boi até a cidade de Água suja (DAMASCENO, 1997). A partir da chegada da imagem começa uma grande devoção por Nossa Senhora da Abadia. A denominação Nossa Senhora da Abadia da Água Suja foi mudada para Romaria pela Lei mineira de nº.148, de 17 de dezembro de 1938. No dia 30 de dezembro de 1962, pela Lei Mineira nº 2764, foi criado o município de Romaria sendo instalado em 1º de março de 1963.

O dia 15 de agosto, dia de assunção de Nossa Senhora é o dia em que se possui o maior número de atividades na cidade, uma vez que assim se comemora o dia da padroeira do município Nossa Senhora de Abadia. Neste dia acontece uma missa no período da tarde, na parte externa do santuário e depois é realizada uma procissão luminosa cortando a cidade, e coroação da imagem que é realizada sempre por um grupo de romeiros de cidades vizinhas e subida da imagem representando sua assunção aos céus e encerramento da festa. (MAZZINGHY, 2009)

Segundo Mazzinghy (2009), a festa pode ser dividida em três partes: Barraquinhas, Padre Eustáquio e o Dia da Abadia. As barraquinhas ficam nas calçadas do dia primeiro ao dia quinze de agosto, onde são cobradas taxas pela prefeitura. A prefeitura de Romaria na época da festa utiliza vários funcionários de diversos setores para fiscalizar os barraqueiros. Devido ao tempo que Padre Eustáquio³ viveu na cidade atualmente o município e região possuem um enorme número de devotos do missionário, hoje, beato. Durante este período, Padre Eustáquio fez vários milagres. Atualmente por estes milagres o Beato ganhou uma pequena capela na cidade, onde ainda possui um museu. Por ser uma festa religiosa e que atrai pessoas com intuito de renovar sua fé junto a Deus, a festa atrai também um grande número de “pedintes” que buscam a ajuda dos romeiros. Na festa de Abadia os pedintes têm uma característica diferente, pois são compostos basicamente de leprosos. No dia da Abadia, a cidade recebe seu maior número de visitantes, visto que o ápice da festa é esse dia. A cidade se transforma, se movimenta e durante todo o dia a fila é enorme para subir aos pés de Nossa Senhora da Abadia e tocar a imagem. As missas são realizadas de hora em hora, a partir da zero hora. Atualmente em decorrência da capela de Pe. Eustáquio são realizadas mais missas, utilizando o espaço da capela.

³ Padre Eustáquio viveu em Romaria durante os anos de 1925 a 1935. Holandês, Romaria foi a primeira cidade em que ele viveu no Brasil e também a que ele habitou por maior tempo. Ficou famoso principalmente em Minas Gerais pelos milagres feitos em vida e após a sua morte em Belo Horizonte, se tornou ainda maior a sua fama. Foi beatificado em 16 de junho de 2006, em uma cerimônia no Estádio Mineirão. A igreja hoje reza por sua canonização.

O santuário de Nossa Senhora de Abadia apesar de receber este grande número de turistas no período da festa não recebe romeiros apenas nesta época. Segundo dados do Circuito Triângulo Mineiro⁴, a qual Romaria faz parte, o município recebe todos os finais de semanas um número significativo de turistas vindo de ônibus, carro ou mesmo a cavalo. Segundo o circuito, os turistas extemporâneo são da própria região do Triângulo Mineiro.

A tradicional festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia chama a atenção por duas coisas: a forte movimentação religiosa que atrai milhares de romeiros, movimentando as estradas e o forte comércio ambulante juntamente com os serviços oferecidos pela comunidade para atender a demanda do período.

Os romeiros ficam se movimentando pelas ruas, esperando ou desfrutando o passar do tempo, já que haviam cumprido parte dos objetivos que as levaram até lá: participar da missa e realizar alguma outra atividade religiosa – ver a imagem da Santa, sobretudo. A Igreja oferece espaços oficiais para essas pessoas exercitarem sua crença: a missa, a sala de ofertas, a de infindáveis pedidos já feitos à Santa, capela de Padre Eustáquio, sala dos milagres, entre outros. À margem do espaço comercial e do interior do santuário, porém, ainda inseridos no terreno pertencente a ela, encontram-se dispostos fiéis entregues às mais diversas atividades, tais como: conversar sob as árvores ou nas escadarias, admirar a paisagem, pensar sobre a vida, tomar sorvete etc.

As pessoas passam o dia nesses lugares, sem se preocupar rigorosamente com as atividades que desempenhariam. A única atividade marcada pelo tempo, com começo, meio e fim pré-determinados, é a missa (há um quadro com seus horários na escadaria e espalhado por toda a igreja, além de serem todas anunciadas no alto falante do santuário). O resto do tempo, as pessoas usavam livremente. As outras ocupações que a igreja oferece aos fiéis não estão demarcadas pelo tempo regulado, como a sala de milagres, de ofertas e, é claro, a própria imagem da Santa, que ficava à disposição, no mesmo lugar, ininterruptamente – como se realmente o tempo não passasse.

Essa festa na cidade de Romaria é vista por muitos como um “fenômeno”, visto que uma cidade com 3.636 habitantes segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) recebe mais de 300 mil visitantes todos os anos durante os quinze primeiros dias de agosto (período da festa). A cidade se transforma totalmente em infra-estrutura, segurança, comércio para servir a todos. O quartel de polícia militar possui um efetivo de seis policiais e

⁴ [http://: www.circuitoturisticoetriangulo.com.br](http://www.circuitoturisticoetriangulo.com.br)

durante a festa recebe um grande número de reforço vindo do batalhão de Patos de Minas, visto que o número de **ocorrências sofre um considerável aumento em todos os sentidos (Ver tabela 1)**. **A cidade não possui corporação de corpo** de bombeiros, mas durante os principais dias da festa são disponibilizados um grupo de bombeiros (sete bombeiros com viatura e caminhão para incêndio, no ano de 2010) para atender as necessidades e ocorrências (Ver tabela 2)

Ocorrências Típicas Policiais-Militares	2007	2008	2009	2010
Efetivo empenhado	86	71	130	106
Número de viaturas empenhadas	12	09	08	08
Número de ocorrências registradas	333	223	153	156
Número de acidente de trânsito urbano (total)	01	04	01	03
Número de vítimas fatais acidentes de trânsito urbano	00	00	00	00
Número de vítimas acidentes de trânsito urbano c/ ferimentos	00	00	00	00
Número de lesões corporais	03	04	02	09
Número de homicídios consumados	00	00	00	00
Número de homicídios tentados	00	00	00	01
Número de arrombamentos consumados a residência urbana	08	00	00	01
Número de arrombamentos consumados a residência rural	03	00	01	00
Nº de arrombamentos consumados a estabelecimento comercial	00	00	01	00
N de roubos a mão armada	03	00	00	00
Nr de traficantes presos (comercio ou fornecimento entorp)	00	00	02	00
Número de usuários presos	03	02	04	02
Cocaína apreendida (gramas)	00	00	02	00
Maconha apreendida (gramas)	01	01	02	04
Crack apreendido (pedras)	105	00	00	00
Nr de operações realizadas	112	07	33	23
Nr de prisões efetuadas	31	39	30	33
Nr de furtos consumados a transeunte	00	54	39	26
Nr de furto tentado a transeunte	00	00	00	00

Tabela 1 – Ocorrências Típicas Policiais Militares em Agosto 2007 a 2010 - Fonte: Polícia Militar de Romaria

Quantidade	Tipo de Ocorrência
1	Acidente com veiculo automotor com uma vítima fatal
2	Vistorias
1	Providências Dispensadas
1	Acidente com motocicleta com vitima de ferimentos
2	Condução de problemas clínicos

Tabela 2 – Demonstração de ocorrências Corpo de Bombeiros - Fonte: Corpo de Bombeiros Patrocínio

O Trabalho Informal e as Empresas Sazonais durante a Festa de Nossa Senhora da Abadia

Todas as características e aspectos de comércio são essenciais durante um evento religioso, principalmente os que ocorrem nas ruas e espaços abertos, podendo haver várias formas de manifestações de fé, artísticas e litúrgicas, diferente do que acontece em locais fechados, nos quais estas manifestações são limitadas. Por isso, o comércio ambulante a cada ano que passa se torna mais forte, pois após cumprir suas obrigações religiosas, o romeiro fica disponível para visitar o comércio e fazer compras. A romaria pode ser dividida de duas formas: a primeira, constituída pelos romeiros, que seriam a romaria em si, ou o ato de se deslocar simplesmente pela fé para cumprir uma promessa sem intuito de gastar com hospedagem e outros gastos no local. A romaria-turística seria a segunda forma de romaria, em que, além de se deslocar com o objetivo de fé, o viajante/o turista tem a intenção de passear e aproveitar a localidade, o comércio. (MAZZINGHY, 2009).

O trabalho informal e as empresas sazonais têm um “boom” nesse período, visto que uma cidade que possui pouco menos de quatro mil habitantes recebe mais de trezentos mil visitantes durante os quinze primeiros dias de agosto, por isso serviços e diversos postos de trabalho são criados para suprir as necessidades dos romeiros.

A festa de Romaria se tornou, além de uma festa de forte cunho cultural, também uma festa de forte cunho empresarial que mistura, em vários sentidos, suas dimensões simbólico culturais às esferas material e econômica, movimentando a economia formal e também os micro-negócios e o trabalho informal. A festa passa a ser, na cidade de Romaria, o único meio de sobrevivência de muita gente: "enquanto há festa, há trabalho".

A estratégia de sobrevivência em tempos de não-emprego impele, assim, um grande número de ambulantes que, carregando seus isopores, seus tabuleiros, seus carrinhos, suas trempes e fogareiros, seus improvisados displays de bugigangas, oferecem, ao grande público, cervejas, batidas, refrigerantes, água, churrasquinhos, sanduíches, colares, adereços e penduricalhos pelas ruas e adjacências da festa.

Na festa de Nossa Senhora da Abadia em Romaria, surgem diversas oportunidades, inclusive de trabalho. Muitas pessoas ficam o ano todo sem trabalhar e conseguem emprego apenas nesse período de festa. Outras pessoas vivem o ano todo apenas de renda gerada durante a festa, é o caso de pessoas que possuem diversos imóveis e os alugam para serem utilizados pelos visitantes e ambulantes. Elas conseguem lucrar com aluguel de calçadas e

ANJOS, M.A.D.

terrenos para ambulantes, casas para esses ambulantes e visitantes se hospedarem, e há pessoas que saem de suas casas e se mudam para a casa de parentes com o intuito de alugá-las para os turistas.

Isso já é um “costume” de vários anos na cidade e vai sendo passado de geração em geração como mostra a reportagem do dia 12 de agosto de 2010 no site Megaminas.com⁵:

A festa de Romaria é esperada o ano inteiro por muitos moradores e comerciantes. Como a cidade não tem hotéis para atender os romeiros, as casas acabam se transformando em alojamentos. O despertar em Romaria fica até mais bonito durante a festa de Nossa Senhora da Abadia, principalmente para os moradores da cidade que aproveitam para ganhar um dinheiro extra. No local, só tem duas pousadas e ficam sempre lotadas. O aposentado Jerson dos Santos conta que alugou uma casa há quatro meses. Maria das Dores, proprietária do local, diz que o lucro não vem só da hospedagem. “Também conseguimos ganhar com a alimentação”, acrescenta. A cozinheira Adelina Maria Barbosa alugou a casa e trabalha praticamente o dia inteiro. Na hora de dormir qualquer cantinho onde caiba o colchão fica aconchegante. A residência de Leontina Maria Ribeiro Teixeira, dona de casa, tem sete banheiros. Os romeiros não se importaram em pagar R\$2 para tomar banho, ainda mais quando enfrentaram uma longa viagem. Na casa foi feito até um puxadinho para caber mais gente. Alguns ambulantes vieram do Ceará e viajaram três dias, segundo José Airton Nunes Maciel. Numa casa chegam a ficar até 80 pessoas em dias mais tumultuados. E o dinheiro do aluguel tem destino certo para quem aluga, como a dona de casa Leontina. E não resta dúvida, a festa em Romaria realmente movimentou a economia da cidade. Alguns vendedores, por exemplo, pagam para utilizarem o espaço e, detalhe, quanto mais perto da igreja, mais caro. São em média 500 barracas. O ambulante Daniel Alves diz que veio de Brasília e que mesmo a taxa sendo mais cara vale a pena.

Uma reclamação que ganha mais força a cada ano são os preços cobrados e praticados pelos donos de imóveis. Estes, às vezes, passam esses imóveis para um terceiro lugar e com isso o preço sobe e pontos considerados principais, se tornam super valorizados. Um exemplo é a Rua Joaquim Perfeito Ribeiro, começando no passeio no prédio da Prefeitura. É considerada um dos melhores pontos e um dos mais caros também. Nesse ano tivemos o metro de passeio negociado a até setecentos reais o metro. Há muita reclamação, mas a cada ano o número de visitantes e ambulantes só aumenta, ou seja, o pessoal reclama, porém os lucros são bons e o trabalho vale à pena como matéria do dia 16 de agosto de 2010 do Jornal Correio de Uberlândia⁶:

A cidade de Romaria tem pouco mais de 4 mil habitantes e chega a receber durante a festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia 150 mil romeiros e turistas. As duas pousadas, com 30 acomodações cada, lotam, e os bares, supermercados e restaurantes também ficam movimentados. O secretário de Finanças, Paulo Hernani

⁵ [http://: www.megaminas.com](http://www.megaminas.com)

⁶ [http://: www.correiodeuberlandia.com.br](http://www.correiodeuberlandia.com.br)

de Oliveira, diz que não há informações em valores de quanto a festa movimenta a economia da cidade, mas diz que o barraqueiro deve pagar R\$ 40 por metro do alvará de funcionamento. Segundo dados da prefeitura, há 400 barraqueiros instalados próximo ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Já o aluguel da calçada, segundo Oliveira, é pago direto para os proprietários das casas. “Nessa época, eles aproveitam para lucrar. O mercado aqui ainda é muito informal, por isso, não sabemos o quanto a cidade lucra”, afirmou. É o caso da aposentada Terezinha Abadia de Rezende, 64 anos. Ela alugou 10 metros de sua calçada por R\$ 6 mil. Com o dinheiro ela disse que pretende pagar os gastos extras com medicamento e ajudar nas contas de casa. “Não vivo desse dinheiro, mas, para um aposentado, qualquer extra já é bom.” Quem também lucra são os barraqueiros. O dono de uma delas, Carlos Carvalho, 29 anos, que saiu de Brasília para vender em Romaria, pagou R\$ 12 mil pelo aluguel de 20 metros de calçada e disse que o negócio é rentável. “O valor é alto, mas é rentável. Rodo o Brasil vendendo em feiras, o lucro é bom”, disse. Para aumentar o movimento na barraca, o goiano e proprietário Hugo Leonardo de Almeida vestiu as roupas que vendia. Blusa feminina fluorescente, calças de ginástica e uma calcinha por cima. Segundo ele, o estilo é o mesmo em todas as 12 feiras de que participa pelo Brasil. “Em outras, eu fico só com top e a calça de ginástica, mas em Minas o povo é mais conservador”, disse. Com o visual chamativo, o proprietário disse que vende cerca de R\$ 4 mil por dia. “Se não fosse esse meu estilo não acredito que venderia tanto assim. Tenho muita conta pra pagar e preciso me virar.” Ele disse que, com o dinheiro, paga o aluguel do espaço da barraca, os funcionários e ainda sobra um pouco para renovar o estoque.

Os vendedores ambulantes que trabalham durante a festa são 99% vindos de outras cidades. Existem poucos comerciantes da própria cidade. São diversas as origens desses vendedores, e eles são principalmente de Brasília, Goiânia e São Paulo. Os produtos e serviços oferecidos são variados: alimentação (restaurante e bares), vestuário (inclusive moda íntima, moda infantil, moda feminina, moda masculina), calçados, cama, mesa, banho, ferramentas, utensílios, brinquedos, decoração, acessórios, bijuterias, cosméticos, jogos, boates, casa de show, bingo, entre outros.

Os serviços mais oferecidos pela população são bares, restaurantes, seguranças, boates e até mesmo de vendedores nas barracas ambulantes instaladas para o período da festa. As casas, calçadas, terrenos se transformam em restaurantes e bares para atender a demanda de alimentos para o grande número de pessoas que passam por lá. A igreja e a prefeitura contratam empresas para prestarem segurança aos seus prédios e organizar filas, ambulantes nas ruas e evitar invasões. Essas empresas geralmente acabam contratando profissionais na cidade para trabalhar gerando assim mais empregos para a população. Os comércios existentes tais como postos de gasolina, bares, padarias, mercados, açougues, boates contratam mais funcionários para conseguirem atender a todos com maior rapidez. Os comércios de roupa fecham no período da festa por dizerem que não compensa o risco que corre e visto que os ambulantes às vezes oferecem melhores negócios e as vendas caem nesse

ANJOS, M.A.D.

período, então às vezes esses funcionários que ganham folga durante esse período também encontram novos trabalhos e conseguem um “extra”.

Outros dois grandes empregadores no período de festa na cidade de Romaria são a Paróquia de Nossa Senhora da Abadia e a Prefeitura Municipal de Romaria. A paróquia contrata pessoas para trabalhar nos escritórios e lojas de artigos religiosos como vendedores; cozinheiras para preparar refeições para os religiosos que vêm de toda a arquidiocese para ajudar nas festividades e cerimônias religiosas e demais funcionários; faxineiras para limpeza do santuário, dos banheiros e da casa paroquial; pessoas para cuidarem do som, acolhida e a liturgia de todas as missas; para fazer segurança do santuário, casa paroquial, organização da fila de romeiros; entre outros.

Já a prefeitura, contrata pessoas para fazerem a fiscalização dos vendedores ambulantes; para fazerem arrecadação de taxa cobrada por metro quadrado de cada ambulante; para fazerem segurança dos banheiros públicos, das correntes de acesso à cidade, segurança do prédio da prefeitura, segurança dos arrecadadores e fiscalizadores; pessoas para trabalharem na limpeza e manutenção dos banheiros públicos; pessoas para trabalharem como fiscais das empresas de ônibus que atuam na rodoviária; pessoas para trabalharem na infraestrutura da cidade (principalmente setor de água); cozinheiras para trabalhar na escola municipal servindo os policiais, bombeiros, equipe do DER (Departamento de Estradas e Rodagem) que ficam alojados por todo o período de festa e visto que o expediente da prefeitura todos os anos se encerra por volta do dia 10 de agosto, os próprios funcionários prestam serviços e recebem como extra.

A Festa de Nossa Senhora da Abadia movimenta a economia da cidade de Romaria, já que surgem os empregos informais e sazonais para atender as necessidades dos fieis e turistas e dessa forma emprega aquelas pessoas que estão desempregadas no decorrer do ano e oferece oportunidade de renda extra aos que já estão empregados, além de ser uma oportunidade de negócios para pessoas que alugam casas, terrenos e passeios, ou seja, essa festa demonstra bem a precariedade, vantagens e desvantagens, além de como funciona o trabalho informal e sazonal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término das análises do referencial teórico e das pesquisas realizadas podemos chegar a algumas conclusões em relação ao tema abordado durante todo o trabalho e também algumas sugestões de melhorias.

Analisando as empresas sazonais e o trabalho informal podemos perceber que existem pontos positivos e negativos no que diz respeito a sua criação, surgimento e/ou existência. Sendo assim, podemos citar como pontos positivos:

- Pode ser uma alternativa de sobrevivência, pois conforme Antunes e Alves (2004) o setor informal pode absorver também parte dos trabalhadores expulsos das relações de assalariamento em função do avanço técnico, mas também em função da idade, sexo, habilidade etc., desempregados ou subempregados em função do ciclo econômico, ou trabalhadores que optam por abandonar esta relação vindo no setor informal uma alternativa de sobrevivência.

- Complementação de renda, pois o trabalho informal pode absorver parcelas de assalariados e diversos membros da família como a esposa e os filhos que se lançam à informalidade como forma de complementar a renda familiar. (Antunes e Alves, 2004)

- Geração de emprego e renda para desempregados, embora discutida de maneira insuficiente, essa situação, reflete o crescente valor da atividade que sustenta em parte sua ampliação com investimentos em infra-estrutura e consumo de serviços, fomentando as empresas e gerando emprego e renda para as famílias e receita para os governos. (SOARES, 2005)

- Ser seu próprio patrão: mesmo sem elevados níveis de renda, as condições de trabalho “por conta própria” correspondem à aspiração de muitos trabalhadores por se libertarem de um patrão, de um chefe ou de horários rígidos. Muitos se estabelecem nesta condição após terem sido assalariados e terem acumulado dinheiro ou bens, ou mesmo após terem se desligado desta relação e recebido os direitos trabalhistas (CACCIAMALI, 1983).

- Elevação no nível de rendimento dos trabalhadores, pois segundo Ulysea (2006), o salário informal é mais elevado do que o formal. Isso indica que a ausência dos benefícios não-salariais decorrentes de um contrato formal é compensada por uma maior remuneração no setor informal, o que reforça as evidências de que a informalidade pode estar associada a elevações nos rendimentos dos trabalhadores. No entanto, mesmo em atividades precárias, os trabalhadores autônomos não obrigatoriamente percebem rendas relativamente baixas quando

comparadas às de postos de trabalho assalariados, como por exemplo, operários não qualificados em geral, da construção civil em particular, mensageiros e ajudantes gerais nos escritórios ou balconistas no comércio. (CACCIAMALI, 1983)

Já os pontos negativos são:

- Baixo nível de educação, pois geralmente as pessoas relacionadas ao trabalho informal possuem um menor grau de educação. Segundo França (2008), a diminuição paulatina e consistente dos postos de trabalho é uma questão social e deveria ser tratada dessa maneira, no entanto a redução dos postos de trabalho converteu-se em uma questão técnica em que o trabalhador deve “capacitar-se” adequadamente para “resolver” o problema do desemprego.

- Precarização que para Antunes e Alves (2004), esse processo consiste no crescimento do trabalho informal e atingem de modo diferenciado países subordinados de industrialização intermediária, como Brasil, México, Argentina, entre tantos outros emergentes que, depois de uma enorme expansão de seu proletariado industrial nas décadas passadas, passaram a presenciar significativos processos de desindustrialização, tendo como resultante a expansão do trabalho precarizado, parcial, temporário, terceirizado, informalizado, além de enormes níveis de desemprego, de trabalhadores desempregados.

- Problema econômico e social, pois segundo Noronha (2003), os mercados e os contratos de trabalho “informais” têm sido percebidos no Brasil como problemas econômicos e sociais, pois representam rupturas com um padrão contratual único (ou quase único), isto é, o contrato “formal”.

- Não se beneficiam das proteções concedidas pela legislação trabalhista, pois a legislação do trabalho é uma referência nacional, sendo assim, a despeito das práticas, das tradições e das realidades regionais, a noção popular de “contrato justo” tem sido influenciada pelos princípios legais nacionais, rapidamente assimilados pelas populações e, por outro lado, pela noção de eficiência que o mercado impõe com o aumento da competição nacional e internacional. Do ponto de vista empírico, o desafio é a construção de uma tipologia contratual capaz de retratar e explicar as diferentes razões que levam à não observância da lei. É nesse sentido que as abordagens predominantes sobre informalidade falham. Interpretações radicalmente concorrentes como as que apresentamos são menos incompatíveis do que parecem, pois cada uma delas retrata as razões e as origens de determinados tipos de contratos atípicos. (NORONHA, 2003)

- Qualidade das vagas de trabalho, pois para Soares (2005), é comum que em alguns estudos do turismo se diagnostique a atividade com base em aspectos quantitativos da geração de emprego, como apresentados nas tabelas acima, abandonando aspectos vitais para o aprofundamento das questões relacionadas ao trabalho e a cidadania, ou seja, a qualidade das vagas de trabalho que muitas das vezes chega a ser precárias.

Discutindo a teoria que trata trabalho informal e empresas sazonais podemos concluir que o setor informal é o resultado da pressão do excedente de mão-de-obra por emprego e no turismo o setor informal tem os mesmos pressupostos. Sua existência pode ser descrita a partir de considerações complementares que ilustram melhor seu desencadeamento como ampliação dos empregos temporários e fixos desregulamentados (informais), como forma de compensação das empresas pelas perdas sazonais (SOARES, 2005). Referente a sazonalidade conforme Rodrigues e Rodrigues (2007), concluímos que são flutuações no ciclo produtivo ou de vendas de um determinado bem, serviço ou setor econômico devido a fatores exógenos, ao longo de um determinado período. Neste sentido, pode ser definida como a época de temporada ou de alta estação mais aprazível do ano. A partir deste conceito, a sazonalidade é o momento considerado ideal para o consumo do produto turístico, desfrutando de toda comodidade de serviços que ele oferece. O efeito da sazonalidade é comumente compreendido como o período que se alterna entre a baixa e a alta estação. Portanto, a sazonalidade é um fenômeno que contribui para a modificação de algumas estratégias públicas e privadas relacionadas à indústria do turismo.

Após a análise de dados junto ao IBGE e SEBRAE concluímos que:

- A maioria das pessoas ocupadas no setor informal possuem apenas o ensino fundamental ou primeiro grau incompleto segundo pesquisa do IBGE no ano de 2003;
- O ramo de atividade que possui o maior número de trabalhadores informais é a atividade de comércio e reparação (serviços), segundo pesquisa do IBGE no ano de 2003;
- Os homens são maioria na ocupação de empresas do Setor Informal, porém as mulheres vem ganhando posição de destaque nos últimos anos, conforme dados de pesquisa do IBGE no ano de 2003;
- A região Sudeste do Brasil apresenta os maiores números de emprego informal relacionada a ocupação turística totalizando mais de 839.100 vagas, acompanhada pelo Nordeste que gerou mais 520.800, segundo dados do SEBRAE no ano de 2007;

- A região Sul é a que gerou menos empregos informais com ocupação turística no período de 2003 a 2007: apenas 273.100 vagas, segundo dados do SEBRAE em 2007;
- No ano de 2007 o turismo gerou mais 1.083.300 de empregos informais em todo o país, desses a maior parte, 465.100, foram gerados pelo ramo da alimentação e 380.700 pelo atividade de transporte, segundo dados preliminares do SEBRAE em 2007;
- Nos anos de 2003 a 2007 foram gerados mais 4.769.700 empregos informais no Brasil em decorrências da atividade turística, segundo dados do SEBRAE em 2007.

O cenário em Romaria não é diferente dos dados levantados junto ao SEBRAE e IBGE. Abaixo segue algumas análises do cenário na Festa de Nossa Senhora da Abadia em Romaria, tendo como pano de fundo as teorias levantadas (dados):

- As pessoas que atuam geralmente no setor informal possuem baixa escolaridade (ensino fundamental ou 1º grau incompleto) geralmente pessoas do comércio ambulante, restaurantes, bares e alojamentos, com ressalva daqueles que atuam no aluguel de imóveis que geralmente possuem um nível maior de escolaridade e pessoas que atuam na Prefeitura Municipal de Romaria e no Santuário de Nossa Senhora da Abadia;
- O ramo de atividade que possui o maior número de trabalhadores informais é a atividade de comércio ambulante e serviços como hospedagem e alimentação;
- Os homens são maioria na ocupação de trabalhos informais e sazonais, contudo as mulheres têm um destaque merecido, visto que estão em toda a parte principalmente nas áreas de alimentação e hospedagem;
- O principal gerador de empregos informais e sazonais no município é o turismo religioso, em decorrência das festas existentes durante todo o ano no município, com ênfase maior no período de agosto quando ocorre a Festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia.

A parcela da população de Romaria envolvida no trabalho informal e sazonal nesse período de agosto seria de 80% visto que as pessoas que estão desempregadas encontram uma oportunidade nesse período, e as que possuem um trabalho têm a chance de ter um ganho extra, já que as empresas formais se fecham nesse período em decorrência da concorrência criada pelas empresas informais e sazonais.

As áreas de atuação das pessoas que trabalham nesses postos informais e sazonais na Festa de Nossa Senhora da Abadia em Romaria são: alimentação, hospedagem, vendas (comércio), segurança, aluguel (terrenos, casas e passeios), prestação de serviços para a

prefeitura e igreja. A renda média dessas pessoas que atuam nesse período é de R\$ 200,00 a R\$ 700,00 por período.

Segundo as ocorrências policiais (dados gerados pela Polícia Militar) registrada no período de 2007 a 2010, a presença de “malandros e profissionais” é grande e gera vários crimes e delitos. A cidade durante esse período recebe um grande número de pedintes e a maioria deles são aproveitadores que aproveitam da ocasião para cometer crimes. A própria igreja orienta os fiéis nos cartazes de programação e divulgação da festa a não darem oportunidades e nem darem dinheiro, pois essas pessoas são não da cidade e a maioria são pedintes profissionais, que agem, na maioria das vezes, na vagabundagem.

O trabalho informal e empresa sazonal são de grande importância para a economia do país e como demonstrado no decorrer do trabalho também para a cidade de Romaria – MG, por isso deveriam ser estudadas medidas de maior regulamentação e valorização deles e das pessoas que atuam nesses ramos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKERMANN Katia; AMARAL, Mariana Almeida do; SILVA, Janaína Corazza Barreto; GERALDES, Antônio Leopoldo; LIMA, Tiago Novaes; JÚNIOR, Márcio Lombardi; MENDES, André e SCANDIUCCI, Guilherme. **O desemprego do tempo: narrativas de trabalhadores desempregados em diferentes ambientes sociais**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo. USP, Universidade de São Paulo, 2005, vol. 8, pp. 1-27
- ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. Capitalismo, Estado e Educação. Carlos Lucena (Org.). Campinas: Alínea, 2008, 217 p.
- ANTUNES, Ricardo e ALVES, Giovanni. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago, 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- ÁRIAS, Alfonso Rodriguez e ZAMBONI, Roberto Aricó. **Sistema Integrado de Informações sobre o Mercado de Trabalho no setor Turismo no Brasil: A Experiência do IPEA**. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Maio, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997. 226p.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 7. ed. São Paulo: Senac, 2002.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. **Setor Informal Urbano e Formas de Participação na Produção**, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da

ANJOS, M.A.D.

Universidade de São Paulo/ Maria Cristina Cacciamali. – São Paulo: Ed. IPE, Série Ensaaios Econômicos, n.26, 1983.

DAMASCENO, Maria das Dores. **Do Diamante ao Milagre da Fé**. Uberaba: Ed. Vitória, 1997.

Festa movimentada economia em Romaria - 16/08/2010 – Disponível em <http://www.correiodeuberlandia.com.br>, acessado 01 de novembro de 2010.

FRANÇA, Robson Luiz de. **O trabalho como princípio da dignidade da pessoa Humana. Estado, educação e cidadania**. Capitalismo, Estado e Educação. Carlos Lucena (Org.). Campinas: Alínea, 2008, 217 p.

GODOY, A. **Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais**. RAE - Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GOELDNER, C. R. RITCHIE, J. R. MCINTOSH, R. W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

MARX, Karl. **O Capital - Livro 1 – O processo de produção do Capital**. Volume 1. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil S.A., 1994.

MARTINS, Clerton. **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MATTOS, M.G; ROSSETTO JÚNIOR, A.J; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigo científico e projeto de ação**. São Paulo: Phorte, 2003.

Maure Agüero, G. **“Definiciones y tendencias del turismo de eventos” em Contribuciones a la Economía**, Nº 82, julho 2007. Texto completo em <http://www.eumed.net/ce/2007b/gma.htm>

MAZZINGHY, Vinícius. **Análise da Festa de Nossa Senhora da Abadia como um possível produto turístico do Triângulo Mineiro** – Monografia - Centro Universitário Newton Paiva. Belo Horizonte, 2009.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec, 1999.

NORONHA, Eduardo G. **“INFORMAL”, ILEGAL, INJUSTO: percepções do mercado de trabalho no Brasil**. RBCS Vol. 18 nº. 53 outubro/2003

O Turismo Religioso estimula a economia de mais de 300 cidades do país. 18/09/2010 – Disponível em <http://megaminas.globo.com>, acessado em 01 de novembro de 2010.

OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de; OLIVEIRA, Orlando J. R. de. **Carnaval, turismo e trabalho informal na Bahia: tanto negócio e tanto negociante**. Caderno Virtual de Turismo Vol. 5, Nº 4 (2005).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO - OMT. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Rocca, 2001.

RADA, A., VELASCO, H. **La lógica de la investigación etnográfica**. Madrid : Trotta, 1997.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica para alunos dos cursos de graduação e pós graduação**. 3ª Ed. São Paulo, 2005. Edições Loyola.

RODRIGUES, Carla Cristina Knupp; RODRIGUES, Jorge Luiz Knupp. **A sazonalidade e a indústria do turismo no Vale do Paraíba Paulista**. XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba Paulista, 2007.

Sem hotéis, moradores de Romaria transformam casas em alojamentos. 12/08/2010 – Disponível em <http://megaminas.globo.com>, acessado em 01 de novembro de 2010.

SOARES, Luís Augusto Severo. **Turismo e trabalho informal: um binômio inevitável**. R. Gerenciais, São Paulo, v. 4, p. 89-98, 2005.

TIRIBA, Lia. **O trabalho no olho da rua: fronteiras da economia popular e da economia informal**. Proposta nº 97 Jun/Ago de 2003

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo Básico**. 2. ed. São Paulo: Senac, 1998.

ULYSSEA, Gabriel. **Informalidade no mercado de trabalho brasileiro: uma resenha da literatura**. Revista de Economia Política, vol. 26, nº 4 (104), pp. 596-618, outubro-dezembro/2006

VIEIRA, Padre Primo Maria. **Monografia da Paróquia e Santuário Episcopal de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja**. Romaria: Academia Senhora da Abadia, 2001.